

ACADEMIAS DE LETRAS, HOJE

Ruth Villela Cavaliéri (RJ)

Esta comunicação tem por fim trazer aos companheiros estudiosos e estudantes de literatura os resultados da minha pesquisa sobre o academismo brasileiro, nos dias de hoje.

Eu poderia começar com uma reprodução resumida do meu texto, que visa a uma análise do comportamento acadêmico em suas origens temporais e míticas, enquanto produção escrita e ritual de cultura.

Sei agora que o comportamento, a atitude e a produção das academias encontram-se ainda em plena vigência na sociedade brasileira, embora um tanto à sombra, a partir do surgimento dos institutos e faculdades de letras, aproximadamente há meio século.

Mas relatar o texto de minha tese implicaria em desenvolver, ainda que sumariamente, as bases teóricas que o orientaram, quais sejam, certas noções da psicanálise, da antropologia, da sociologia e da história da literatura. O tempo de que dispomos não nos permitiria, porém, esse debruçar sobre cerca de 200 páginas.

Assim, eu me proponho apenas levantar alguns pontos que considero mais importantes, ao mesmo tempo falando das motivações que me levaram a esse estudo.

Confesso que ao iniciar minhas pesquisas, eu, com certa arrogância universitária, não imaginava que as academias de letras fossem tão numerosas e atuantes dentro de uma pequena burguesia ávida por ter acesso ao mundo das letras. Também não suspeitava de uma relação mais ou menos íntima que se faz entre essas instituições e os protagonistas principais do ensino universitário, muitos deles "doublés" de professor e escritor ou poeta.

Na verdade, professores de todos os níveis, jornalistas de renome (ou não) frequentam suas sessões solenes de comemorações ou posses acadêmicas, nelas realizando palestras e mesmo pertencendo aos seus quadros. E o que é mais importante: há um trânsito permanente entre a Academia Brasileira de Letras e as academias menores, não sendo rara a filiação dos membros da primeira a suas congêneres mais modestas.

Meu estudo centrou-se mais nas academias menores, municipais e estaduais, isso porque, pela observação empírica, fui percebendo que estas são mais heterogêneas no que diz respeito aos valores literários, exatamente por serem mais acessíveis socialmente.

E é exatamente por serem mais democráticas, além de numerosas, que elas formam uma base de sustentação para a sobrevivência do sistema academicista.

Quanto à pesquisa de campo, ative-me ao Rio de Janeiro, e a parte relativa a outros estados foi vista através de documentos escritos.

Percebi também que uma abordagem simplesmente histórica não daria conta do fenômeno do academismo. Daí por que associei à visão histórico-sociológica uma visão antropológica, pela qual vislumbrei os componentes intemporais do espírito acadêmico. No âmbito dessa intemporalidade estariam as trocas internas, inter-academias, e as trocas externas, ou seja, com outros núcleos produtores de cultura. Essas trocas seriam homólogas dos movimentos endogâmico e exogâmico dos grupos sociais arcaicos, no sentido de um esforço de auto-preservação, e onde o uso da palavra, associado à comensalidade (no caso das academias o chá ou coquetel) exerciam papel fundamental de intercâmbio grupal.

Minha ignorância inicial prendia-se menos a um sentimento de "escândalo" diante do que poderíamos chamar a promiscuidade de valores na ambiência acadêmica, do que a uma visão rígida (de minha parte) da diferenciação das *mentalidades*. Explico-me: se a Universidade é um reduto de trabalho árduo, e requer um certo ascetismo em relação ao convívio social, as academias são (e isso foi comprovado nas minhas inúmeras visitas) são recintos onde impera a arte da conversação, do chá ou do coquetel, das boas maneiras, de acordo com as normas da etiqueta social advindas dos velhos salões europeus. Daí que o discurso acadêmico resulte predominantemente poético e asséptico em relação às mazelas do cotidiano mais terra-a-terra.

Como explicar, portanto, a presença do homem acadêmico nas mais variadas camadas da sociedade e nos mais variados níveis de escolaridade e cultura?

Foi na inquietação dessa pergunta que se associaram as motivações históricas e sociais àqueles fatores intemporais ou míticos da

própria formação humana. E uma das motivações histórico-sociais é representada no paralelo que fazemos entre o conceito de *kitsch*, com todas as características já conhecidas em nosso meio, e certas atitudes, certa ambiência e prática de linguagem oral ou escrita que caracterizam o mundo acadêmico.

Ao traçar essa analogia, foi inevitável que uma leve (?) ironia perpassasse o meu texto. Isso porque, havendo um embutimento do academismo no *kitsch*, a ironia com que este é comumente tratado desliza para aquele. No entanto, em seu estudo sobre o *kitsch*, Abraham Moles nos adverte contra essa ironia dizendo: “o distanciamento que oferece o humor não deve iludir-nos: há algo de *kitsch* no fundo e cada um de nós. O *kitsch* é permanente como o pecado: há uma teologia do *kitsch*.”

O mesmo poderíamos dizer do academismo. O *homem-acadêmico* existe latente na sociedade brasileira, culturalmente tributária da tradição européia, portadora do academismo, principalmente através dos países de formação latina, e da poderosa influência francesa.

A visão histórica e a visão de tendência universalizante se cruzam freqüentemente nessa análise, por força, talvez, da origem barroca do academismo, que teve sua mola propulsora nos salões do século XVII europeu. Justifica esse cruzamento o fato de o Barroco ter sido um período de cultura lúdica, extremamente ritualizada, porque enraizada na dicotomia sagrado X profano.

No caso das academias, a ritualização de suas práticas comporta, ainda, a catarse coletiva, em suas sessões semanais, e o confessionalismo de grande parte de sua produção escrita, ambas as manifestações capazes de auxiliar na apreensão de uma psicologia da vida acadêmica, o que foi tentado através de uma aproximação da sessão acadêmica com o psicodrama e com a idéia de confissão nos setores religioso e jurídico. Na verdade a palavra do púlpito, da corte de justiça e dos salões mundanos e literários foram três fontes importantes que, historicamente, inspiraram a construção do espaço acadêmico.

Ao acentuar o caráter ritualístico do academismo, não me passou despercebido que todas as manifestações de ordem cultural são permeadas pelos ritos, ou exercidos diretamente sobre eles. Por exemplo: as festinhas de aniversário, o “brinde” ou *tim-tim* das taças e bebida, em certos festejos, a própria reunião em torno de uma mesa de uma “confraria” de professores na defesa pública de uma tese, o carnaval e muitos outros eventos marcados pela periodicidade ou por certa obrigatoriedade, pois o homem moderno como o mais antigo não tem conseguido viver sem ritos.

No entanto, quando se destaca no academismo a sua ritualística, é porque nas academias o rito não foi desvinculado totalmente da

noção do *sagrado*: desde o século XVIII, no Brasil, as academias têm por patronos os santos ou figuras santificáveis do cristianismo. E Anchieta, por exemplo, é hoje patrono em várias de nossas academias. Não é raro, também, encontrar-se a imagem de Cristo, ou seja, o crucifixo por trás da mesa da presidência.

Ao mesmo tempo em que aponto para uma possível universalização do academismo, através de recorrências de ordem antropológica e psicanalítica, é preciso encontrar os fundamentos brasileiros que lhe dera uma feição particular. Nessa busca dos fundamentos brasileiros do academismo, foi inevitável recorrer a Gilberto Freyre e a Sérgio Buarque de Holanda. Ao primeiro na verificação do legado retórico da educação jesuítica, implantada de forma duradoura em nosso país; ao segundo no que diz respeito ao seu conceito de *homem cordial*.

De fato, Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala* afirma que o nosso índio, por seu caráter nômade e seu espírito prático, mais compatível com os ofícios manuais, teria sido melhor ensinado pelos missionários franciscanos. No entanto, o nativo foi muitas vezes violentado na sua tendência natural pelos jesuítas que lhe impuseram uma orientação letrada.

O bacharelismo viria, pois, instalar-se no Brasil como uma conjugação do ensino jesuítico com a exuberância retórica do barroco, que praticamente fundou a cultura brasileira.

Não por acaso, nossas primeiras academias eram muitas vezes procissões, as chamadas academias ocasionais, como foram o Triunfo Eucarístico (1733), a Academia Cultista do Áureo Trono (1748) e outras.

Mas foi no caldeamento racial afro-português que se desenvolveu melhor o gosto bacharelesco, refletido naquele estereótipo com que brincalhonamente Mário de Andrade, numa passagem de *Macunaíma*, descreve o orador discursando sobre uma estátua em praça pública. Mário o define, aludindo à discursividade desenfreada do brasileiro, como "mulato da maior mulataria".

Também não é por acaso que ainda hoje os bacharéis em direito formam maioria dentro dos cenáculos. Afinal, lembra-nos um sociólogo da USP, em sua tese de doutorado publicada em livro (*Os aprendizes do poder*), a produção literária brasileira surgiu a partir do publicismo político dos acadêmicos de direito, onde a linguagem, marcada pela retórica, era um veículo de "enobrecimento" das formas do pensamento político.

De Sérgio Buarque de Holanda pudemos pinçar o conceito de *homem cordial* que, para o autor de *Raízes do Brasil* não significa

apenas a bondade, mas tudo o que sai do coração, toda a afetividade. Assim também a cultura do “tapinha nas costas”, a falta de cerimônia com o poder, muito comum entre nós, poucos afeitos que somos à polidez, à reverência, à etiqueta, virtudes muito caras ao inglês, e, principalmente, ao japonês.

Essa espécie de irreverência e intimismo caboclo existe também nas academias, apesar do aparente rigor no tratamento oficial de Suas Excelências. E a sentimentalidade que frequenta as academias contamina sua produção escrita. Existe mesmo, paralela à atividade culta e erudita de uma “velha guarda”, uma produção vazada na confissão, no enaltecimento recíproco (os discursos), no saudosismo estético, que constitui o que poderíamos chamar, com certa dose de generalização, de *literatura floral*. Este é o assunto do último capítulo da tese, onde eu apresento uma seleção de trechos de antologias ou coletâneas de autores de todo o Brasil, e também de livros individuais, jornais, folhetos, revistas, publicações, enfim, que constituem uma imprensa literária alternativa, em geral documentadas com fartos currículos acadêmicos.

Advertimos, no entanto, que o adjetivo *floral* aqui empregado já não se prende tanto ao arranjo textual, concebido como linguagem ornamentada (pois o termo remete a *antologia*, *florilégio*, *flor de retórica*). Hoje, essa beleza visual-auditiva entra um pouco em desuso nos textos acadêmicos, já submetidos às exigências da simplicidade moderna. Assim, a expressão *literatura floral* traduz, antes, uma atitude emocional, a “beleza” da emocionalidade, da comunhão ou cumplicidade grupal em torno de uma representação amenizada do mundo e de uma recepção que privilegia o instantâneo, o imediato, o sensível, sem grande intermediações do esforço intelectual.

É quando surge a questão de classificar essa literatura “viscosa”, circular e circulante dentro, principalmente, das pequenas academias.

Opetei por denominá-la *literatura ingênua*, expressão que abarcaria um largo espectro dessa produção, incluindo seus escalões mais baixos, onde um maior grau de ingenuidade caracterizaria a subliteratura.

A designação de *literatura ingênua* operaria, então, uma abertura que já existe em artes plásticas, em atenção a um grande contingente de aficionados, muitas vezes pertencentes a patamares razoavelmente elevados de escolaridade, ou, para sermos mais generosos, de ilustração.

É com esse espírito de alargamento do conceito de literatura que eu lembro as palavras de Jacques Derrida, para finalizar.

O autor de *A escritura e a diferença*, num artigo desta obra, afirma: “Escrever, o que se denomina escrever, supõe o acesso ao

espírito pela coragem de perder a vida, de morrer para a natureza”.

A essas palavras de Derrida, podemos acrescentar que o homem comum vê na escrita e nos livros algo ameaçador. Não dizem os simples que quem estuda muito enlouquece?

O homem médio vê na escrita um tesouro difícil de conquistar, e ele a admira ou despreza, conforme a distância em que se encontra do objeto cobiçado; quando pode, faz suas tentativas e às vezes até se torna acadêmico. Já o profissional das letras morre todos os dias colocando a vida no papel. E esse é o seu papel na vida.

Assim, estamos todos no mesmo barco, apesar das diferenças. Por isso, na esteira do sonho, das visões e referências mutificantes que envolvem a escrita, é de se presumir que as academias podem tomar outros rumos, outras atitudes, como já vêm fazendo para se adaptar aos novos tempos. Mas, conservando ou não o mesmo nome (de *academias*), elas permanecerão como redutos iluminados, especialmente, para o abrigo de pactos menos perigosos entre o homem e a palavra. Porque escrever, parece, é muito perigoso...